

Ética em psicologia médica

Décio Gilberto Natrielli Filho^I, Décio Gilberto Natrielli^{II}

Comitê Multidisciplinar de Psicologia Médica da Associação Paulista de Medicina (APM)

Há uma definição que afirma ser a Psicologia Médica o campo de estudo da relação médico-paciente ou a psicologia da prática médica.¹ Seguindo essa linha, podemos incluir também a relação médico-médico, médico-família e médico-grupo, já que todo trabalho envolvendo os modelos dessa disciplina são dinâmicos e envolvem ampliação do *setting* de atuação dos profissionais e das suas funções como médicos.

Os médicos, cada vez mais bem preparados e com tecnologia diagnóstica e de tratamento mais avançada e precisa, influenciados também por todo poder fornecido pela ciência computacional, multimídia e de telecomunicações, podem, se vulneráveis, adotar posturas mais distanciadas em relação aos pacientes, seres humanos muitas vezes carentes de uma atenção que vai além daquela disponível para o tratamento da doença em questão.

Nesta carta, os autores optaram pela palavra “ética” a fim de reforçar que ser disponível, fornecer orientações mais precisas, estender o tempo de atendimento quando necessário, insistir nas informações sobre o tratamento, efeitos adversos, riscos e benefícios, ainda continuam sendo atitudes muitas vezes esquecidas mesmo com todo o crescimento científico. O paciente “moderno” comparece às consultas com dados já coletados na internet, acessa o “Google” e faz leituras sobre aquilo que considera como a sua doença e muitas vezes já teve contato com uma primeira opinião de outro especialista.

Sentir-se intimidado com tantos dados, questionamentos, dúvidas, inseguranças sobre a evolução das doenças e possíveis resultados indesejáveis é normal a todo profissional. A psicologia médica e a ética entram exatamente aqui, fornecendo ao médico recursos profissionais e humanos (conceituais) para lidar com essas reações, aprendendo a “metabolizá-las” e “devolvê-las” aos pacientes e seus familiares de forma “digerida”, sem julgamentos ou preconceitos, aproximando-se ou distanciando-se dos problemas, dificuldades, frustrações e até mesmo dos sucessos, de forma saudável, como um termostato que tenta sempre manter uma temperatura ideal, mesmo que esteja sempre oscilando entre o muito aquecido e o muito frio em ambientes muito instáveis. E ambientes ou situações instáveis são aqueles em que os médicos estão acostumados a conviver.

Conforme discorreu Lima:² “Desde Aristóteles (século IV a.C.), define-se a Medicina, tal como a Ética, como ciências poéticas ou práticas, ou seja, aquelas que, diferentemente das ciências ditas teóricas, não concernem a realidades necessárias e eternas, caso destas últimas, mas que dizem respeito às ações humanas. De tal modo que cabe ao médico, assim como àquele que se propõe a responder à Ética, uma deliberação que será tão mais prudente (*phrónesis*) quanto o seja em dois registros: o da generalidade, em que se insere o conjunto dos casos semelhantes, e o da particularidade, unívoca e concernente a cada caso”.

Assumir uma postura humilde, resiliente e responsável diante dos percalços da profissão médica é difícil. Quando tratamos as doenças e os resultados são satisfatórios, reforçamos nossos conhecimentos práticos e baseados em evidências da comunidade científica. Quando os resultados não são os esperados ou desejados, o atalho mais fácil é escondê-los ou ignorá-los; não enfrentar nossas frustrações reforça comportamentos disfuncionais.

O ser humano é o único animal que se especializou em “enganar-se”, desenvolvendo processos fantásticos de racionalização para se proteger do sofrimento, da realidade e da vida. A capacidade do homem para tolerar verdades acerca de si mesmo é frágil, enviesada, devido a circunstâncias pessoais, sociais e constitucionais. Pensamos que a verdade, como aqui concebida, é uma fonte permanente de dor.³ Essa “verdade” é desenvolvida por meio da interação do indivíduo com o outro, estabelecendo referenciais externos, adaptativos e que contribuam para o sucesso indivíduo-grupo, dentro de uma epistemologia de modelos e paradigmas que se transformam com as mudanças ambientais (sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, biológicas, dentre outras). Contudo, a aspiração da humanidade por esclarecimentos a respeito de tudo, de respostas a todas as questões, nunca pode ser satisfeita ou esgotada, a não ser em casos de onipotência, totalitarismo ou fanatismo.³ Quando nos tornamos rígidos e inflexíveis, engessamos nossas verdades, impedindo qualquer progresso ou adaptação diante dos percalços impostos pela vida.

Lotufo Neto⁴ escreveu: “Erros ocorrem na prática da medicina. Resultam da complexidade do conhecimento médico, da

^IPsiquiatra, Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus.

^{II}Psiquiatra e Coordenador Científico do Comitê Multidisciplinar de Psicologia Médica da Associação Paulista de Medicina (APM).

incerteza das predições clínicas, da pressão do tempo e da necessidade de tomar decisões rápidas com informações limitadas. O erro é muito estressante para o médico, evocando emoções intensas de tristeza, remorso, culpa, vergonha, preocupação, diminuição da confiança, raiva e medo” (...) “O erro pode prejudicar a relação médico/paciente dependendo de sua gravidade e da qualidade da comunicação desenvolvida. O paciente pode ficar alarmado, ansioso, sem confiança nas habilidades de seu médico. Pode haver raiva, diminuição do respeito, sentimentos de traição e desilusão com a profissão médica”.

Devemos, portanto, estar sempre atentos para nossas reações e respostas psíquicas e fisiológicas diante dos percalços; daí poderíamos idealizar uma “ética intrínseca”, podendo responder com maior segurança e integridade aos questionamentos inerentes à profissão médica. Nesse caso, isso se refere a um ideal, um referencial intangível, o qual sempre é evocado como a ética nas diversas especialidades. Se dispomos de diversas especialidades, cada uma com sua peculiaridade, a atitude dos médicos deveria ser uniforme, humana, afetuosa e empática, sempre com intenções de atenuar a dor e o sofrimento dos seus semelhantes. Mas isso poderia soar como ingenuidade, diante de tudo que se pode esperar do comportamento humano.

Contudo, podemos sim, ao retermos os princípios fundamentais do (novo) Código de Ética Médica⁵ (CEM) de 2009, vislumbrar ideais éticos e pensar na prática médica como **uma profissão a serviço da saúde do ser humano e da coletividade**, em que o médico **deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional**, exercendo a medicina **com honra e dignidade**, com **boas condições de trabalho**, **zelar e trabalhar pelo perfeito desempenho ético da medicina**, **aprimorar continuamente seus conhecimentos**, guardar **absoluto respeito pelo ser humano e atuar sempre em seu benefício**. Diante desses trechos iniciais do CEM e da leitura detalhada dos seus princípios, podemos afirmar que a psicologia médica, além das suas derivações e desenvolvimentos teórico-práticos, repete e reforça conceitos muito antigos e enraizados na nossa ciência-arte, valorizando os aspectos psicológicos das relações humanas e da atividade médica.

REFERÊNCIAS

1. Muniz JR, Chazan LF. Ensino de psicologia médica. In: Mello Filho J, editor. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992. p. 37-44.
2. Lima MA. Os contornos da psiquiatria e seus desdobramentos éticos. In: Alves LCA, coordenação. Ética e psiquiatria. 2ª ed. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; 2007. p. 27-37. Disponível em: http://www.cremesp.org.br/library/modulos/publicacoes/pdf/edicao2_etica_psiquiatria.pdf. Acessado em 2012 (30 mai).
3. Natrielli DG, Soares NC, Vidigal S. Séculos XX e XXI: o que permanece e o que se transforma. São Paulo: Lemos Editorial; 1992.
4. Lotufo Neto F. Quando o psiquiatra erra. In: Alves LCA, coordenação. Ética e psiquiatria. 2ª ed. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; 2007. p. 147-50. Disponível em: http://www.cremesp.org.br/library/modulos/publicacoes/pdf/edicao2_etica_psiquiatria.pdf. Acessado em 2012 (30 mai).
5. Código de Ética Médica: Código de Processo Ético-Profissional, Conselhos de Medicina, Direitos dos Pacientes. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; 2009. Disponível em: http://redsang.ial.sp.gov.br/site/docs_leis/pd/pd6.pdf. Acessado em 2012 (30 mai).

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Décio Gilberto Natrielli Filho
Rua Roque Petrella, 153
Brooklin – São Paulo (SP)
CEP 04581-050
Tel. (11) 5542-5145
E-mail: deciodoc@ig.com.br

Fontes de fomento: nenhuma declarada

Conflito de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 25 de maio de 2012

Data da última modificação: 25 de maio de 2012

Data de aceitação: 11 de junho de 2012